

PALMEIRIM DE INGLATERRA: HERÓI MODELAR OU MODELADO?

MARGARIDA SANTOS ALPALHÃO

Universidade Nova de Lisboa

Palmeirim de Inglaterra é um cavaleiro. Importa, pois, perceber de que cavaleiro se trata, e como se destaca. Eis porque me parece pertinente, ao encetar esta apresentação de Palmeirim de Inglaterra, o protagonista de Francisco de Morais (c.1500-1572), analisar como se lhe aplicam os qualificativos modelar e modelado. Dito de outro modo, como se revela o herói enquanto tal, na obra, e como o podemos comparar com outros heróis num eixo diacrónico.

Palmeirim é um cavaleiro assinalado, usando o próprio vocabulário do texto, e com um futuro determinado, visto que, logo à nascença, é raptado por um selvagem, juntamente com o irmão gémeo, enquanto o pai, Dom Duardos, é feito prisioneiro por Eutropa, maga da casta dos gigantes. Educados pelo selvagem e por sua mulher, duplos dos pais, ambos abandonam o espaço onde passam a infância (o espaço geográfico da gruta; o espaço do duplo enquanto personagens), para aceder ao espaço cavaleiresco, propriamente dito. E esta passagem iniciática faz-se também através da cerimónia em que são armados cavaleiros, na corte do imperador da Grécia, Palmeirim. Antes deste ritual, no entanto, havia ali sido apresentada uma profecia, através de uma carta enviada pela dama do lago das Três Fadas: segundo a carta, os Fados destinam grande ventura ao cavaleiro da Fortuna e a ventura maior à «coroa e real estado»¹ de Palmeirim da Grécia.

Ultrapassado o rito iniciático e deixado o espaço (e o tempo) da infância, o cavaleiro da Fortuna e o cavaleiro do Salvage, seu irmão, realizam um percurso de cavaleiros andantes, de aventura em aventura. Destas a maior será a libertação de Dom Duardos, e de todos os outros cavaleiros presos enquanto o procuravam. Este feito permite aos dois irmãos a aquisição de um estatuto individual, através das batalhas vitoriosas frente a vários adversários, nomeadamente gigantes, por um lado, e, a outro nível, a passagem à conquista de um estatuto social, ao recuperarem o nome e a linhagem e ao reconhecimento na corte.

É pois com Palmeirim de Inglaterra e Floriano do Deserto, seu irmão, netos do imperador da Grécia e filhos de Dom Duardos, eles (re)encontrados da linhagem familiar, que se inicia a segunda parte da obra. Mas a fama antes conquistada, bem como o valor antes demonstrado, ainda não lhes permite aceder ao grau último do percurso do herói, isto é, falta-lhes conquistar a terra e aceder ao amor. Possuindo uma identidade, a segunda parte da obra será, antes de mais, o espaço textual em que estes dois cavaleiros vão fazer o percurso para a terra e para o amor. E nesta segunda parte relatam-se várias aventuras, omitindo outras², num empenhado e contínuo (re)conquistar do estatuto de herói, refazendo

¹ Morais, Francisco de, *Cronica do famoso e muito esforçado cavalleiro Palmeirim D'inglaterra ...*, Évora, André de Burgos, 1567, Cap. 8, Fo. 9a-b. Texto citado segundo o original, com abreviaturas desenvolvidas, e assinaladas em itálico.

² O texto é pródigo em expressões que o assumem. Veja-se, a título exemplificativo: «andou por suas jornadas contra o reyno da grãbretanha (...) sem achar nenhũa aventura que de contar seja»; ou «E porque antre

percursos, construindo sentidos. No entanto, nesta parte da obra, acompanha-se percursos bastante diversos por parte dos dois irmãos cavaleiros, ainda que ambos defendam as fracas donzelas, as que encontram em perigo ou as injustiçadas: enquanto o cavaleiro do Tigre percorre um caminho de constância, fidelidade e lealdade para com a donzela por quem se apaixonara³, o cavaleiro do Salvage, depois cavaleiro das Donzelas, revela-se, desde logo, neste mesmo nome, pelo qual, durante algum tempo, foi conhecido.

Floriano do Deserto age como «homem sem amor e sem fe», na óptica de Miraguarda, ou «de pessoa livre e em quem o amor teria pouca parte⁴», segundo Florendos, o cavaleiro de Miraguarda. Floriano faz o seu caminho batalhando e «praticando em amores e cousas desta qualidade⁶», parte do qual acompanhado de donzelas, que defende de outros cavaleiros, porque elas «vendo sua valentia cada hũa se perdia por ele i elle por todas, que assi era sua custume»⁶. Deixarei, no entanto, a análise do percurso de Floriano para uma outra ocasião.

Observe-se, portanto, Palmeirim de Inglaterra.

Quando vai à corte de Constantinopla, para justar com Floramão (cavaleiro que pretendia que Áltea fosse reconhecida como a mais formosa e que havia conquistado vários escudos aos cavaleiros vencidos por si), Palmeirim provoca apreciações: «Este encontro tam sinalado pos tamanho espanto em muitos, que fez perder memoria de totalas outras cousas passadas»⁷. Ou quando, ao chegar a Londres, desconhecendo o parentesco que os une, Palmeirim desafia o cavaleiro do Salvage para uma batalha:

E porque auia grande espaço que se combatiam arredaramse a fora por cobrar forças e alento pera tornar a sua contenda. Cada hũ pos os olhos em si e vendo suas armas rotas e tam forte imigo diante nam sabiam que esperassem se nam aquelle dia ser o derradeiro dos que tinham de vida. [...] El rey e os que de fora estavam, deziã que ali se juntara o cume do esforço e valentia e que aquella batalha fazia escurecer todallas passadas assi de caualeiros como de temidos gigantes.⁸

Ou ainda ao libertar Dom Duardos e os outros cavaleiros, da torre de Dramusiando, lutando com este gigante:

Dramusiando temendo que aquelle seria o destruydor de suas forças, e que alli se compriria o que Eutropa sempre lhe anunciara,: cuydou em si se lhe cometeria algum partido com que deixassem a batalha, [...]. Todos os que viam a batalha a auiam por tamanha cousa, que pasmauam de a ver. Porem como em ambos ja nam ouesse sangue nem alento, e as forças nam se sosteuessem mais que na viueza do esprito de cada hum, foram juntamente tam desfalecidos dellas, que Dramusiando cahio no chão, e o caualleiro da fortuna se sentou junto

muitas que passou hũa merece fazerse della mençam, e he esta.», Morais, Francisco de, op. cit., cap. 31, fo 33a e cap. 133, fo. 182b, respectivamente.

³ Veja-se «tam entregue era aa vontade de sua senhora que em nada ousava seguir a sua», idem, cap. 134, fo. 184a.

⁴ Idem, cap. 127, fo. 171a.

⁵ Idem, cap. 125, fo. 167d.

⁶ Idem, cap. 122, fo. 162d.

⁷ Idem, cap. 25, fo. 27d.

⁸ Idem, cap. 36, fo. 40b-c.

delle, *que* nem pera lhe tirar o elmo se atreueo estar em pe. Logo decerom todos os prisioneiros, e Dom Duardos [...] [pediu] ao da fortuna pois a vitoria claramente era sua, nam quisesse mais vingança⁹.

Ou, para terminar estes conjunto de exemplos, nas palavras que Argolante leva em embaixada de Inglaterra ao imperador Palmeirim:

Nam sey se vossa magestade algũa ora ouuiu nomear o caualleiro da fortuna: posto *que* os seus feito sam taes que em todo o lugar o pubricam: inda que de outra parte cuydo que *bem* conhecido sera nesta corte e casa.¹⁰

Já na segunda parte da obra de Morais, conhecido como cavaleiro do Tigre, Palmeirim volta a revelar-se um cavaleiro sem par, quando, aportando na ilha Perigosa, vence as provas que encontra¹¹. Torna-se, deste modo, «venerado [...] pelo mundo»¹². A sua fama aumenta quando salva a duquesa, mulher de Belcar, do gigante Bracandor¹³, tal como quando, na ilha Profunda, mata os gigantes e salva Colambar da ira do povo¹⁴ ou, ainda, quando liberta a ilha Profunda dos gigantes que a tiranizavam¹⁵.

Uma recompensa de tal percurso é obtida, de resto, na própria ilha Perigosa, cuja visita, guiada por Daliarte, lhe permite saber que as estátuas, que ali se encontram, perpetuam a memória dos seus feitos durante a primeira visita¹⁶, tal como lhe permite aceder à casa do conhecimento de Urganda, responsável pela imortalidade obtida¹⁷.

Simbolicamente, Palmeirim consolida o estatuto de cavaleiro exemplar quando refaz este percurso: um percurso de acesso ao conhecimento. Já ao nível da sua função social enquanto cavaleiro, a justiça inerente aos príncipes é outro aspecto que Palmeirim de Inglaterra não descarta, nomeadamente quando a relembra a Pompides, seu meio-irmão, aquando do casamento deste com Armísia¹⁸. Reconquistada a sua identidade e adquirida a sua individualidade, Palmeirim está apto a confirmar um estatuto social único e este não se faz sem adquirir conhecimento. Depois disto, resta-lhe, por fim, assumir o seu lugar, então de pleno direito, junto de Polinarda, em Constantinopla.

Neste percurso, além da bravura revelada nas aventuras e nas batalhas em que participa, Palmeirim surge de entre os seus pares, pelas características demonstradas, como um herói singular e exemplar. Ao fazer e refazer o percurso individual e social do herói, Palmeirim de Inglaterra revela-se um cavaleiro de excepção. Herdando um dos *topoi* das narrativas medievais, pode considerar-se que, simbolicamente, Palmeirim mantém em contacto os

⁹ Idem, cap 41, fo. 49b-c.

¹⁰ Idem, cap.45, fo 53d.

¹¹ Palmeirim foi ali conduzido por um batel, vê uma fonte guardada por tigres e leões, que vence, enfrenta quatro cavaleiros, que também vence, e liberta os cavaleiros que ali encontra presos por Eutropa. Idem, caps. 56 a 59.

¹² Idem, cap. 117, fo.151b.

¹³ Idem, cap. 78.

¹⁴ Idem, cap. 118.

¹⁵ Idem, caps. 117-118.

¹⁶ Idem, cap.119.

¹⁷ Idem, cap. 120.

¹⁸ Idem, cap. 132 e 133.

dois mundos, o feérico e o seu, ou, nas palavras do texto, o «arteficial e fantástico»¹⁹ e o natural. Mantendo o contacto entre estes dois mundos, assegura o equilíbrio necessário ao decurso linear do tempo. Ao conquistar o seu nome, o seu espaço e ao manter a ordem social e cósmica, Palmeirim revela-se e assume-se como herói e como modelo.

Numa perspectiva de análise diacrónica, podemos considerar que Palmeirim de Inglaterra surge como um cavaleiro que reúne os requisitos necessários aos melhores cavaleiros medievais no âmbito da ideologia cavaleiresca, e esta, tal como surge na literatura ocidental, é uma noção decorrente, em boa parte, da literatura arturiana.

É sabido, no entanto, que a ideia de que compete ao cavaleiro ser um defensor de damas e donzelas indefesas ou ofendidas, de injustiçados, de pobres e de senhores ameaçados, ou de reinos em perigo não é, na origem, um motivo literário.²⁰

Esta «assistência aos desprotegidos»²¹, atributo do rei, passou depois, por herança ou delegação, aos príncipes e aos grandes senhores nobres²² e, posteriormente, naquilo que se refere à protecção armada, passou para os cavaleiros, mormente para os cavaleiros nobres que viviam na corte, ou de corte em corte, e para aqueles cuja ascendência exigia uma aprendizagem de molde a poderem assumir o governo de um reino, de um ducado, de um condado ou de outro território. Assistiu-se, em certa medida, em especial a partir do século X, à constituição de uma escola, ainda que sem existência formal enquanto tal, e uma especialização da função do cavaleiro. Em especial desse cavaleiro cristão que, acabadas as invasões normandas, húngaras e árabes se vira, enquanto vassalo ou servidor de reis e príncipes, para outros perigos ameaçadores da ordem social e, em última análise, da ordem divina: para as guerras pelas fronteiras internas da Europa ocidental e para as heresias, num primeiro tempo; para a conquista do Oriente, depois. Há, portanto, bases históricas, ou modelos históricos, que enformam a noção de cavaleiro e a ideologia cavaleiresca que a literatura veicula. A própria literatura pereniza os atributos morais e materiais necessários ao cavaleiro.

As obras comumente designadas como Espelhos de Príncipes encerram um conjunto de regras, conselhos e advertências que a realeza, e a nobreza, deve observar. E o *Livro da Ordem de Cavalaria* de Raimundo Lulo (1235-1315) é um exemplo formal da especialização e formalização da função de cavaleiro, apontando não apenas a ética cavaleiresca, a sua organização de imitação cósmica e o seu fundamento divino, mas também a prestação de provas, indispensáveis ao neófito, e os objectos materiais próprios do cavaleiro²³.

¹⁹ Idem, cap. 58, fo. 69a.

²⁰ Com efeito, até ao século X, a «assistência aos desprotegidos» tornou-se uma das competências reais, conforme Jean Flori documenta através de declarações capitulares e conciliares francesas (Flori, Jean, *L'idéologie du glaive. Préhistoire de la chevalerie*. Genève: Droz, 1983. pág. 66-83). Esta «assistência aos desprotegidos» surge, ao longo do tempo e dos textos, como acto moralizador da função real, levado a bom termo pela Igreja, e resulta em apoio material, em apoio jurídico e em protecção armada. As cruzadas (1096-1291), por outro lado, inscreveram na História a criação de Ordens Militares e Religiosas: Hospitalários, em meados do século XI; Templários, em 1118, Teutónicos, em 1128; de Calatrava, Avis, Santiago e Alcântara, na Península Ibérica, respectivamente em 1164, 1166, 1175 e 1183 (Prestage, Edgar, *A Cavalaria Medieval*, Porto, Liv. Civilização Editora, s/d, pp. 19-28) cuja função de assistência foi considerável, mas cuja ala guerreira existiu tendo por base os cavaleiros.

²¹ «assistance aux démunis», no original: Flori, Jean, *L'idéologie du glaive. Préhistoire de la chevalerie*. Genève: Droz, 1983. pág. 82.

²² Flori, Jean, *L'idéologie du glaive. Préhistoire de la chevalerie*. Genève: Droz, 1983. pág. 135-157.

²³ Llull, Ramon, *Livro da Ordem de Cavalaria*, Lisboa: Assírio e Alvim, 1992.

Alguns autores de livros de cavalarias inscrevem, no seu próprio texto, aspectos inerentes às regras a observar pelo cavaleiro, decorrentes da Ordem, enquanto instituição moral, social e funcional.

Pode verificar-se este facto no *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* (1567) de Jorge Ferreira de Vasconcelos, cujo primeiro capítulo, sob o título «Como teve princípio a Ordem de Cavalaria», resume o mínimo essencial da função de cavaleiro, para depois elencar um conjunto de heróis, muitos «do mundo na antiga idade»²⁴.

Neste âmbito devem também considerar-se dois capítulos da obra de Francisco de Moraes, nos quais, conversando com Armísia e Pompides, a propósito da traição do vassalo a seu senhor, Palmeirim diz:

Assi como os principes são dado por deos *pera* castigo e emenda dos outros homens, assi o castigo *que* merecem de seus erros lhe *nam* pode ser dado *senam* por deos, *que* contra seu el rey *nenhũa* pessoa humana con *rezam* ou sem ella pode cometer o *que* Asdrape fez contra o principe Doriel seu senhor[...]. Ao *despedir* o cavalleiro do tigre lhe trouxe a memoria *quam gram* jugo era o da dignidade real e *com* camanhos peso e *com* quantos encarregos se auia de soster, pedindolhe pois sua fortuna o posera em *tam* alto estado, vsasse della como de cousa que *nunca* faz assento *nem* alicece seguro, *antes* quando em mayor cume ou felicidade o tuesse posto *entam* arreceasse mais: *porque* os seus *bens* se hão de possuyr com esta condiçam e cautela, *pera que nem* na bonança delles se receba prazer sobejo, *nem* na adversidade descontentamento grande. E *pera que* o estado sempre *permaneca* em seguridade, *deveys* trabalhar pello amor dos vassalos, *mantendos* em justiça ygoal e acompanhada de bom zelo, *que* se *nam* converta em crueza e faça o *senhorio* duro e *incomportavel*: moderado nos tributos, de sorte *que* antes pareça os vassalos sustentarse do favor de seu rey *que nam* el rey do suor de seus vassalos. Desta maneira sereis servido *com* amor, e ao contrairo viureys em odio dos vossos, cousa que faz dano aa fama e passa a vida em receo. E se alguns *que tiverem* as condições dadas a seus respeitos vos *desuiarem* disso: trabalhay *que* antes por bom sejais tachado dos maos, *que* por mau viuays em odio dos bons. Eu creu *senhor* irmão *que quem* te qui em sua vida e costumes fez *tam* boa *esperiencia* de sua *virtude*, ao diante o confirmara: mas *porque* sey *que* as dinidades grandes sam corompedoras de condições singulares e a liberdade solta *que consigo trazem* desperta muitos vicios *quis* vos fazer esta lembrança, *pera que* co ella e co a terdes do tronco *donde* vindes pareça qu' *em* tudo o seguís e os vossos alcancem en vos pay e senhor.²⁵

E, anteriormente, o texto mencionara outro propósito dos cavaleiros andantes. Reflectindo sobre a sua vida, diz um deles, num monólogo: «*Pera que* queres Floramam seguir as armas, pois ja *nam* pode galardoar teu trabalho *quem* te sempre meteo nelle.»²⁶

Da leitura dos excertos facilmente se verifica que o cavaleiro nobre, digno desse nome, deve manifestar não só coragem e bravura, mas ainda uma conduta individual, social e moral exemplares. Associam-se objectivos pessoais e sociais, modelos individuais e colectivos. O próprio texto aponta o modelo a seguir pelas personagens. Podemos, pois, incluir *Palmeirim de Inglaterra* no conjunto de obras acima referidas, ou seja, no conjunto das obras cujo discurso inclui o modelo sócio-ético da cavalaria.

²⁴ Vasconcelos, Jorge F. de, *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, Porto: Lello Editores, 1998, p. 9

²⁵ Moraes, Francisco de, op. cit., cap. 132, fo. 181c-d e cap. 133, fo. 182a-b.

²⁶ Idem, cap. 73, fo. 85d.

Relembrem-se possíveis modelos literários medievais de Morais, de modo breve.

Apontarei apenas dois exemplos: *Cligès* (c. 1176) e *Amadís de Gaula* (1508). Percorridos os textos, são vários os paralelismos possíveis entre as três obras:

a) como acontece com Palmeirim de Inglaterra, os protagonistas de Chrétien de Troyes e de Rodríguez Montalvo também se movem entre Inglaterra e Constantinopla²⁷;

b) a corte inglesa surge como corte de renome e onde se conquista fama;

c) o nascimento de cada protagonista é marcado pelos Fados, ainda que de maneira diversa²⁸; nos três casos,

d) a linhagem destes assume particular relevância, posto que conhecemos, antes dos feitos do herói, mesmo quando de modo breve, a vida de seus pais. E, para mencionar apenas mais um factor:

e) as três obras assumem um intertexto²⁹ variado, cuja assunção constitui, no caso da obra de Morais, um nível mais de significação que o do *topos* literário da construção de uma *auctoritas*. Até porque o próprio narrador afirma, quando Palmeirim chega a Londres, «que isto he o pera que preitam imaginações e historias antiguas, obrigar os homens a vsar vertude e a enveja dellas os encitar a grandes obras.»³⁰

Detalhando sumariamente este aspecto: no caso de *Cligès*, o texto de Chrétien foi encontrado num livro «molt anciens», «de l'aumaire / Mon seignor saint Pere a Beauvez»³¹. Montalvo afirma no prólogo, depois de mencionar autores antigos, tais como Tito Livio e Godofredo de Bulhão, que corrige três livros de Amadís, «muy corruptos y viciosos» e traduz e emenda o quarto a partir de *Sergas de Esplandián*, levadas de Constantinopla para Espanha por um mercador húngaro³². Francisco de Morais assume, também extratextualmente, que vira em França umas «chronicas Francesas & Ingresas», de sucesso entre as damas, e que, entre «memorias, de nações estranhas»³³, encontrara a *Crónica de Palmeirim*, que, segundo afirma, traduz. Além destes aspectos, o próprio discurso das obras aponta, com frequência, o seu intertexto. A obra de Morais refere-o frequentemente, ao longo dos 172 capítulos: não raro o texto convoca heróis antigos (Ero e Leandro; Tisbe e Piramo;

²⁷ Sobre este aspecto, em *Cligès*, é proveitosa a leitura de Picchio, Luciana S., «Vitalité d'un topos littéraire: la cour de Constantinople», in *La méthode philologique. Écrits sur la littérature portugaise*, vol. II, Paris: F. C. Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1982, pp. 7-44.

²⁸ Em *Cligès*, mais que uma relação textual directa entre os Fados e o seu nascimento, mostram-no os desígnios da sua vida. Este herói necessita também conquistar, simbolicamente, o direito ao seu tempo, posto que a herança da coroa lhe foi usurpada, tal como quase o foi a sua amada, por um representante do seu passado, duplo do pai, e quase seu duplo, o seu tio Alis.

²⁹ O termo é usado no sentido que lhe confere Laurent Jenny em «A estratégia da forma»: «texto absorvendo uma multiplicidade de textos, embora centrado num só sentido», in AAVV, *Intertextualidades. Poétique*, n.º 27, Coimbra: Liv. Almedina, 1979, p. 23. Esta construção de enunciado é, de resto, muito usual, até por citação não referenciada ou por glosa, nos textos medievais. E esta é, certamente, uma outra herança medieval dos livros de cavalaria quincentistas.

³⁰ Morais, Francisco de, op. cit., cap. 35, fo. 39b.

³¹ Troyes, Chrétien de, «Cligès», ed. e trad. de Méla, Ch. E Collet, O., in *Romans*, Paris: Lib. Générale Française, 1994, col. Pochotèque, pág. 291, vv. 20-24.

³² Montalvo, Garci Rodríguez, *Amadís de Gaula. I*, ed. de Blecua, Juan, Madrid: Catedra, 1987, p. 224.

³³ Encontramos esta referência no «Prologo de Francisco de Moraes, autor do livro, dirigido a ilustríssima e muito esclarecida princesa Dona Maria, iffante de portugal, filha del Rey dom Manuel...», Morais, Francisco, *Chronica do famoso e muyto esforçado caualeyro Palmeyrim de Inglaterra ...*, Lisboa: Antonio Aluarez, 1592, fo. 2.

Dido trespassada pela espada de Eneias; Medeia, Ariana, Fedra, Narciso, por exemplo, no castelo de Paudrícia³⁴), convoca, também, as «cronicas inglesas»³⁵, ou «cronica dinglaterra»³⁶, o «liuro de Primaliam»³⁷ ou, ainda, as «Sergas Desplandiam»³⁸. Os heróis antigos e «Las Sergas de Esplandián» são, de igual modo, assumidas em *Amadís* como intertexto³⁹. Em *Cligès* encontramos referências aos heróis da Antiguidade e aos da própria matéria da Bretanha: Tristão e Isolda, recusados como modelo por Fénice, por exemplo⁴⁰.

Não me deterei, aqui, sobre o espaço físico em que se movem os diferentes cavaleiros, embora esse seja um aspecto interessante, naquilo que ao livro de Morais diz respeito, porquanto este autor insere na narrativa, a par dos locais típicos das narrativas medievais, (a floresta, o castelo e a ilha, por exemplo), locais que não encontramos em textos análogos⁴¹.

Observem-se, agora, os protagonistas dos textos em análise.

Cligès, descrito, ao longo de 34 versos (2716- 2750), como possuidor de «sen et biauté, largece et force /sagesse et beauté...»⁴² é considerado «le plus bel», «le plus gentil et le plus preu /que l'en puisse trouver nul leu»⁴³ depois de ter vencido o embaixador do duque da Saxónia, que vinha reclamar Fénice a seu pai, o imperador alemão. A vitória permite a Cligès obter «gran pris»⁴⁴. Depois de vencer um adversário, o sobrinho do duque, que pretendia a sua cabeça, Cligès, que «n'ot mie mains cuer de Sanson /ne n'estoit plus d'un autre forz»⁴⁵, é textualmente mencionado como «chevaliers adroit»⁴⁶. É nesta qualidade que vence os doze cavaleiros que haviam raptado Fénice, salvando-a. E é já armado cavaleiro que defronta o próprio duque de Saxónia. É, no entanto, a passagem de Cligès pela corte de Artur (onde batalha com armas de cores diferentes cada dia, assumindo sucessivos duplos de si próprio), que permite ao herói o acesso ao estatuto de cavaleiro sem par⁴⁷, modelar, portanto. E depois de um jogo de duplos e de filtros amorosos, que se seguem ao aparente casamento de Fénice e Alis, bem como à aparente morte da dama, enquanto imperatriz, é como cavaleiro singular que Cligès acede ao amor da sua donzela, ainda que, num primeiro momento, ferido na sua dimensão social, porque enclausurado numa torre e num jardim,

³⁴ Morais, Francisco de, op. cit., cap. 6, fo.7b-c.

³⁵ Idem, cap. 24, fo.26d. Trecho onde se refere «Yseo a Brunda» a propósito de Rosirão de la Brunda.

³⁶ Idem, cap. 129, fo.174b.

³⁷ Idem, cap. 39, fo.45a.

³⁸ Idem, cap. 49, fo.57d.

³⁹ Montalvo, Garci Rodríguez, *Amadís de Gaula. II*, ed. de Blecua, Juan, Madrid: Catedra, 1988, pp. 1303, 1588.

⁴⁰ Troyes, Chrétien de, «Cligès», ed. e trad. de Méla, Ch. E Collet, O., in *Romans*, Paris: Lib. Générale Française, 1994, col. Pochotêque, pág. 384, vv. 3096-3103.

⁴¹ Um caso particular em *Palmeirim de Inglaterra* é o frequentemente falado castelo de Almourol (situado num ilhéu rochoso a meio do rio Tejo, na freguesia de Praia do Ribatejo, concelho de Vila Nova da Barquinha, distrito de Santarém), ainda hoje visitável, que terá sido erguido por volta dos sécs. III-IV e que, em 1171, foi reedificado por Gualdim Pais, mestre da Ordem dos Templários.

⁴² Idem, pág. 373, v. 2741.

⁴³ Idem, pág. 379, vv. 2938-9.

⁴⁴ Idem, pág. 379, v. 2924.

⁴⁵ Idem, pág. 396, vv. 3508-3509.

⁴⁶ Idem, pág. 398, v. 3551.

⁴⁷ Idem, pág. 440, v. 4943: «Q'a vos n'est nus de nos parauz» / car vous n'avez votre pareil».

mas, simbolicamente, propriedade legítima, ao invés da do tio, Alis, conforme o próprio escravo de Cligès anuncia ao imperador⁴⁸.

É pois fazendo e refazendo o seu percurso, vencendo batalha após batalha, que Cligès conquista, individual e socialmente, o estatuto de herói e os epítetos de excepção que o texto veicula.

Quanto a Amadís de Gaula, este revela lealdade bastante e trava as batalhas necessárias para deixar de ser o Donzel do Mar e para recuperar a linhagem e o nome perdidos. No entanto, é quando identificado por este nome que Urganda diz a Gandales, pai adoptivo do herói:

218

— Dígote de aquel que hallaste en la mar que será flor de los cavalleros de su tiempo; éste fará estremecer los fuertes; éste començará todas las cosas y acabará a su honra en que los otros falliesciron; éste fará tales cosas que ninguno cuidaría que pudiessen ser começadas ni acabadas por cuerpo de hombre; éste hará los sobervios ser de buen talante; éste avrá cruexa de coracón contra aquellos que se lo merecieren, y ahún más te digo, que éste será el cavallero del mundo que más lealmente manterná amor y amará en tal lugar cual conviene a la su alta proeza; y sabe que viene de reyes de ambas partes.⁴⁹

Relaciona-se esta profecia, desde logo, com Amadís, e acompanham-se depois os progressos do seu percurso: assiste-se à infância, relatada com relativa rapidez, mas durante a qual se vê crescer, em simultâneo com a pessoa, o valor e a beleza próprias de um herói⁵⁰; assiste-se ao reconhecimento de Amadís pelos pais, os reis Perión e Elisena, através dos objectos que acompanhavam a criança lançada ao mar (uma espada, um anel e uma carta selada⁵¹) tal como ao seu reconhecimento na corte⁵²; acompanham-se, em seguida, batalhas, aventuras, passagens por ilhas, libertando cavaleiros e reis, mudando de nome (primeiro para cavaleiro da Espada Verde, e depois para cavaleiro Grego) e verifica-se ainda o refazer de um percurso de revalorização social, até ao momento em que ele e a amada trocam anéis (mágicos, recebidos das mãos de Urganda, representante por excelência do mundo feérico, ou já fantástico, mesmo quando cristianizado, no Renascimento), e em que «quedó en la Ínsola Firme Amadís com su señora Oriana al mayor vicio y plazer que nunca cavallero estuvo»⁵³. Não acabam neste momento, porém, as aventuras, deste herói, visto que este:

começó acordarse de la vida pasada, cuánto a su honra y prez fasta allí avía seguido las cosas de las armas, y cómo estando mucho tiempo en aquella vida se podría escurecer y menoscabar su fama, de manera que era puesto en grandes congonxas, no sabiendo qué fazer de sí.⁵⁴

⁴⁸ Idem, pág. 488-489, vv. 6516-6548.

⁴⁹ Montalvo, Garci Rodríguez, *Amadís de Gaula. I*, ed. de Blecua, Juan, Madrid: Catedra, 1987, pp. 255-256.

⁵⁰ Idem: «havía el donzel tres años, y su gran hermosura por maravilla era mirada» p.258; «La Reina era tan agadada de cómo él servía, que lo no dexava quitar delante su presencia» p. 262 e «era de XII años, Y en su grandeza y miembros parecía bien de de quinze» p. 269, por exemplo.

⁵¹ Idem, Cf. cap. X, pp. 324-8.

⁵² Onde o rei Lisuarte o recebe como «el mejor cavallero del mundo». Idem, p. 388.

⁵³ Montalvo, Garci Rodríguez, *Amadís de Gaula. II*, ed. de Juan Blecua, Madrid: Catedra, 1988, p. 1640.

⁵⁴ Idem, p.1641.

Em suma, depois de passadas as fases habituais e necessárias à construção do estatuto de herói, Amadís assume-se como protagonista de pleno direito, acedendo ao amor e à terra, prémios simbólicos do cavaleiro nobre e exemplar. É igualmente simbólica, do ponto de vista do percurso do herói, de acordo com os exemplos medievais, a necessidade de manter «prez» e «fama» e, por isso, de abandonar o paradisíaco idílio amoroso pessoal, em benefício da manutenção da justiça no mundo, do apoio aos necessitados e da manutenção do curso natural do tempo que, também nesta obra, visa, simbolicamente, a manutenção do equilíbrio entre dois mundos.

Na leitura detalhada a que estas brevíssimas referências aludem, verifica-se que o longo percurso deste herói é equiparável ao de Cligès e que ambos poderiam ter, em parte, servido de modelo a Palmeirim.

Em resumo, depois deste percurso pela obra de Moraes e após a análise comparativa diacrónica, pode afirmar-se que, seguindo um modelo histórico-literário predominantemente medieval, Palmeirim de Inglaterra se revela um cavaleiro modelado, mas que, ao invés, no espaço textual, Palmeirim se assume como herói, o que permite atribuir-lhe o epíteto de modelo.

Era meu intuito que este texto servisse para iniciar uma abordagem de Palmeirim de Inglaterra, na sua dupla vertente de personagem e de obra, enquanto exemplo ou enquanto seguidor; enquanto modelo ou enquanto imitação. Apontei alguns aspectos de ambas as situações: a obra revela-se singular, mas tributária de uma herança histórico-literária e de um género; o herói partilha a situação da obra a que dá nome: herda uma linhagem e um estatuto social real, mas conquista um nome próprio. Permanece, no entanto, formulada agora de outro modo, a interrogação inicial. E isto porque a resposta implica um processo de leitura(s), em curso, convoca uma análise equiparável ao trabalho que Penélope faz e desfaz, faz e refaz na sua tela, símbolo da longa e demorada espera por Ulisses.